



Universidade Federal de Santa Maria – UFSM
Educação à distância da UFSM – EAD
Universidade Aberta do Brasil – UAB

Especialização em Tecnologias da Informação e da Comunicação
Aplicadas à Educação

POLO: Três de Maio

DISCIPLINA: Elaboração de Artigo Científico

PROFESSOR ORIENTADOR: Prof. Dra. Liziany Müller Medeiros

DATA DA DEFESA: 12 de julho de 2014

O papel do aluno-repórter na construção do conhecimento e no exercício da cidadania na escola do campo

The role of the student-reporter in the construction of knowledge and the exercise of citizenship in the rural school

FROELICH, Deise Anelise

RESUMO

A consolidação de espaços de comunicação alternativa permite que povos historicamente excluídos das grandes mídias passem a ter voz e a assumir o papel de produtores e disseminadores de informação por meio de veículos próprios de comunicação. Por outro lado, percebe-se um esforço para que a educação, em seus caracteres formal e não formal, ofereça oportunidades libertadoras de construção de conhecimento e posicionamento democrático diante de questões que interessem ao coletivo. É neste contexto que surgiu em uma escola do campo, no interior de Santa Rosa (RS), uma Cooperativa Rural de Alunos-Repórteres, cujos associados têm a missão de divulgar as potencialidades, reivindicações e

políticas públicas voltadas ao meio rural. Em um processo democrático jovens estudantes, em sua maioria filhos de agricultores familiares, aproveitam tecnologias da informação e da comunicação para produzir conteúdos em jornal e blog próprios. A proposta central do presente estudo é, diante disso, compreender de que forma, ao assumir o papel de aluno-repórter, o jovem pode contribuir com a construção coletiva do conhecimento e o exercício da cidadania no meio rural, em uma perspectiva de ação comunitária e democrática. A Cooperativa, enquanto organização social, é resultado de um processo de educomunicação, que contemplou oficinas de comunicação e de cooperativismo. Com a autonomia oferecida aos alunos-repórteres valorizou-se a diversidade de saberes que estão à disposição do coletivo, uma vez que os educandos recebem a oportunidade de não apenas consumir informação, mas também produzir, construir, debater e divulgar de acordo com as necessidades, anseios e interesses de suas comunidades.

Palavras-chave: Comunicação. Educação. Aluno-repórter. Conhecimento. Cidadania.

ABSTRACT

The reinforcement of alternative communication spaces enables historically excluded people in mainstream media to have a voice and assume the role of information producers and disseminators through their own media channels. Moreover, an effort is evident to make education, in formal and non formal meanings, a path for knowledge building and democratic attitudes regarding to issues of collective interest. In this scenario emerged, in a rural school in Santa Rosa/RS, a Student-Reporter Rural Cooperative, whose members have the mission to promote the potential, claims and aims at rural public policy. Young students in a democratic process, mostly farmer's children, leverage information and communication technologies to produce content in own making newspaper and blog. The central purpose of this article is to understand how the role of student-reporter can contribute to the young set up collective construction of knowledge and the exercise of citizenship in rural areas, in a perspective of community and democratic attitudes. The Cooperative, as social organization, is the result of educational communication process, which included workshops and cooperative communication. With autonomy granted to students-reporters, they were able to appreciated the diversity of knowledge available to the public, since the students got the opportunity not only to consume information but also produce it, discuss and disclose in accordance with they're communities needs, desires and interests.

Keywords: Communication. Education. Student-reporter. Knowledge. Citizenship.

1 INTRODUÇÃO

Na contramão de um contexto de esvaziamento e de envelhecimento do campo, ações estão sendo desenvolvidas para a valorização e qualificação daqueles que escolhem o meio rural como modo de vida, e de reconhecimento das escolas do

campo, espaço formal de construção de conhecimento. Inspirada na importância da agricultura familiar para a sustentabilidade da sociedade e, sobretudo, na força que os jovens possuem de transformação e definição de rumos, uma iniciativa culminou em 2013 na formação da Cooperativa Rural de Alunos-Repórteres - CooperInfo Rural, sediada na Escola Estadual José Alfredo Nedel, situada na Vila Sete de Setembro, interior de Santa Rosa (RS).

A criação da cooperativa foi o ápice de oficinas de comunicação, ministradas por educandos e professores do curso técnico em publicidade do Instituto Estadual de Educação Visconde de Cairu, do centro de Santa Rosa, e de cooperativismo, conduzidas por integrantes da Unidade Regional de Cooperativismo da Emater/RS-Ascar. Os associados da CooperInfo Rural são estudantes das séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, e em sua maioria, filhos de agricultores familiares.

Por meio da CooperInfo Rural, os estudantes assumem um novo papel: passam de meros receptores de informação a alunos-repórteres, que divulgam e disseminam informações sobre políticas públicas e potencialidades do meio rural. Os conteúdos produzidos refletem a sua realidade e são publicados em um blog e jornais próprios. Tais tecnologias tornaram-se aliadas no acesso à informação e no exercício da cidadania, e tem despertado interesse de outros grupos em criar iniciativas semelhantes. Como a proposta de permitir autonomia do educando neste processo de construção é recente, torna-se interessante o estudo sobre o novo papel assumido pelos estudantes. É neste sentido que o presente estudo assumiu o desafio de ser norteado pela pergunta orientadora: de que forma os estudantes de escola do campo, ao assumirem o papel de alunos-repórteres em um blog e jornal próprios, contribuem para a construção do conhecimento e para o exercício da cidadania em um contexto de dificuldades na sucessão familiar rural?

Desta forma, para chegar à resposta desse desafio, também se buscou atender a objetivos específicos, sendo eles: avaliar a contribuição do processo participativo de educação e comunicação alternativa, com a produção de um jornal e de um blog, na construção do conhecimento e no exercício da cidadania; compreender de que forma o jornal e o blog, produzidos por estudantes, podem contribuir com a construção do conhecimento e a tomada de decisões sobre a realidade em que o jovem está inserido; avaliar a importância da formação de

cooperativa de alunos-repórteres para a inserção de jovens nas decisões comunitárias e sociais; entender de que forma o empoderamento dos alunos, que passam de meros receptores a produtores de informação em seu blog e jornal, pode contribuir para um processo mais participativo de construção de conhecimento e de cidadania, que transcende inclusive a comunidade escolar; avaliar o uso de tecnologias da informação e da comunicação, a exemplo do blog, como ferramenta de inclusão social e cooperativismo; compreender a importância da educomunicação em um processo de construção autônoma e, ao mesmo tempo, coletiva do conhecimento; e, por meio dos resultados do estudo, fomentar ações que estimulem o uso de tecnologias para a construção coletiva do conhecimento e exercício da cidadania.

Em um primeiro momento, o desenvolvimento do projeto de pesquisa está alicerçado no método observacional (GIL, 1999), que corresponde a um dos mais utilizados nas ciências sociais. Para tanto, de maio de 2013 a maio de 2014, foram acompanhadas *in loco* as assembleias mensais da Cooperativa Rural de Alunos-Repórteres e observados o processo de desenvolvimento do conteúdo do blog e do jornal, produzidos pelos estudantes, sob a orientação de professores da área de comunicação. Além disso, foi desenvolvida uma entrevista semiestruturada com os alunos-repórteres a fim de analisar o grau de empoderamento destes estudantes no processo de construção de conhecimento e no estímulo ao exercício da cidadania. Tais passos metodológicos foram complementados com revisão bibliográfica.

Os resultados deste estudo podem ser conferidos nas próximas páginas, com foco especial na educação libertadora, comunicação alternativa e educomunicação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Educação alternativa e libertadora: um novo contexto de construção do conhecimento

A construção do conhecimento deve ser um processo libertador (FREIRE, 1981) que permita ao cidadão exercer seus direitos e deveres com plenitude, compreendendo o contexto em que está inserido em toda a sua complexidade e de maneira que suas decisões possam ser conscientes e efetivas para sua realidade.

Nesse sentido, as escolas, ambientes formais de educação, precisam considerar a realidade de sua inserção, bem como o contexto dos estudantes de modo que possa adequar sua metodologia de ensino.

As escolas do meio rural, entretanto, ficaram por muitos anos engajadas em um projeto educativo voltado às dinâmicas e realidades urbanas, o que fortaleceu, inclusive, o movimento de êxodo rural. O processo de ensino em escolas rurais, quando realizado sem comprometimento com a realidade dos estudantes, acaba reforçando a ideia de que o sucesso profissional consiste em deixar o meio rural e abandonar a sua identidade de agricultor. Fato que demonstra isso é a intensificação dos processos de nucleação e fechamento de pequenas escolas rurais, mostrando e fortalecendo o descaso que muitas vezes ocorreu com o ensino para esse público.

Parte deste cenário é revelada na perspectiva de que uma grande parcela das propriedades rurais gaúchas não tenha sucessão familiar. A problemática é acentuada com os dados do Censo Demográfico de 2010, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que revelam que dos 2.640.642 jovens gaúchos, 336.026, o equivalente a 12,07%, vivem no meio rural. É sobre eles que recai a responsabilidade de dar continuidade à cadeia de produção de alimentos e dar sustentabilidade à sociedade.

Por outro lado, a extensão rural, enquanto processo de educação não formal e com o novo foco voltado ao aproveitamento de metodologias participativas para o desenvolvimento rural sustentável, também se torna responsável por auxiliar no processo de valorização do meio rural entre os jovens e adultos que nele residem. Assim, escolas e extensão rural têm responsabilidade nesse processo de transformação da linha orientadora da educação no campo.

Neste sentido, há um esforço do Poder Público e das próprias escolas na adequação dos currículos. Os métodos de ensino mais voltados à realidade do educando, que vem sendo abordados, são claras iniciativas de romper com a falta de comprometimento que existiu entre a educação e o meio rural, assim como entre a educação e a valorização do trabalho que é realizado pelo homem do campo. São diversas as políticas públicas, inclusive de formação continuada de professores, que surgem para contribuir com as mudanças. No entanto, elas por si só, pouco mudam. A transformação, para ocorrer, precisa ser incorporada em primeiro lugar pelo educador e pelo educando e, a posteriori, pela sociedade como um todo.

A educação para todos não repousa apenas no acesso à escola. Para que ela seja completa é necessário o acesso à aprendizagem com qualidade, adequada ao contexto histórico, cultural e aos ideais da comunidade. Contribuem também neste processo valores como solidariedade, cooperação e disciplina que conflitam com a solidão e o individualismo, sendo que o conhecimento se consolida no coletivo, em um processo construtivo. Mafessoli (2014) destaca que a racionalidade faz parte de nossa espécie animal, está à disposição. No entanto é bruta, se faz necessário lapidar. Enquanto a racionalidade é intrínseca ao ser humano, o conhecimento pressupõe construção.

Somente com um processo de educação que valorize as realidades, os conhecimentos inerentes aos diferentes locais, e que respeite a complexidade intrínseca das localidades rurais, por exemplo, é que poderemos realizar um processo educativo de fato libertador, baseado no diálogo e na ação comunicativa como assinala Paulo Freire (1981).

É nesse contexto que um processo de construção de conhecimentos e, conseqüentemente, de cidadania que respeitem as realidades é urgente, principalmente para os jovens que ainda residem e têm suas atividades no meio rural. Neste processo cabem novos papéis a professores, extensionistas e educandos. Os dois primeiros assumem o papel de mediadores e os estudantes e agricultores passam a ser protagonistas de suas realidades e do desenvolvimento rural. Freire enfatiza o respeito imprescindível à autonomia do educando, enquanto ser que se sabe inconcluso e busca o conhecimento. “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. (FREIRE, 1996, p. 59).

Essa mesma necessidade de respeito à autonomia o autor sugere a formas de educação não formal, a exemplo da extensão rural. Em sua crítica à extensão como uma forma de *estender algo a alguém*, numa perspectiva de quem emite a informação como superior a quem a recebe, Freire (1985, p.14) destaca que “nem aos camponeses, nem a ninguém, se persuade ou se submete à força mítica da propaganda, quando se tem uma opção libertadora”. Isso porque a educação a priori deve ser uma prática da liberdade. E para ser livre necessariamente é preciso ser autônomo.

Neste mesmo sentido, Mafessoli (2014) lembra que se a educação foi bem feita, o indivíduo é autônomo. E aquele que consegue alcançar a autonomia, consegue se relacionar com outros indivíduos autônomos.

2.2 Comunicação alternativa e suas oportunidades

Historicamente observa-se pouco espaço voltado à agricultura familiar e às necessidades básicas das famílias do meio rural na grande mídia. É importante que as matérias jornalísticas voltadas ao meio rural apresentem a opinião do técnico ou da autoridade sobre determinados temas, no entanto, não é possível falar do meio rural sem ouvir quem nele vive e de quem dele sobrevive. O jornalismo rural, para que seja efetivado, deve contemplar os interesses, a necessidade do agricultor, do trabalhador rural, da sua cooperativa ou entidade de classe. Para isso, é preciso dar-lhe espaço e apresentar seus saberes, suas concepções.

Além de receber informação, o homem do campo também possui habilidades e é capaz de informar e trocar informações e, a partir disso, desencadear um processo de comunicação alternativa.

Neumann (1990) destaca, neste sentido, que “comunicar-se é uma das maiores prerrogativas do homem, porque implica pensar, ter ideias, emitir juízos de valor”. Não se trata simplesmente de uma informação estática. A comunicação sempre será permeável, terá efeito. É a troca que estabelece a comunicação, transcendendo o caráter de processo passivo para ativo, de forma bi ou multidirecional. Esse sentido mais amplo está expresso na própria etimologia da palavra – do latim “*communicare*” – que se refere a formar laços comuns. Comunicar, segundo Neumann, é um processo mais amplo e profundo do que a prática meramente verbal, sendo um processo que “cria laços, envolve, amarra, influencia, dirige, manipula, oprime, reprime, liberta” (1990, p.13).

Atualmente a quantidade de informações que chega até as pessoas, a todo momento, é imensurável, no entanto, é a qualidade desta informação e a sua adequação ao contexto que definirá seu destino efêmero ou perene.

É importante destacar que o que move a comunicação são seus objetivos, onde se pretende chegar. Diante disso, nenhum processo de comunicação é neutro, até porque a escolha de determinada técnica de comunicação é subserviente a seus objetivos.

Os conhecidos meios de comunicação de massa, por seu caráter mais abrangente, têm dificuldade de dar conta dos anseios do local. Uma comunicação quase que uniforme ditada pela agenda setting, desvaloriza as peculiaridades locais, em especial do meio rural. Um espaço de comunicação alternativa se faz coerente e urgente. Se além de receber informação, o cidadão tem a oportunidade de apresentar seu feedback, bem como produzir e disseminar a informação, as possibilidades da comunicação alternativa são acrescidas ao processo.

Assim, também o meio rural que já tem sido historicamente excluído de diversas pautas, entre elas a comunicação, precisa de atenção de modo a buscar caminhos que colaborem com essa percepção do direito de comunicar-se de forma autônoma, multidirecional.

Através deste modo próprio de comunicar-se, o povo conta sua vida, seu sofrimento e seus problemas. Assimila as leis e toma conhecimento de tudo que é feito em benefício dos seus direitos. E ainda tem condições de passar à frente as informações importantes para sua luta. (NEUMANN, 1990, p. 45)

A comunicação alternativa atende justamente a esse preceito de que o melhor relator e divulgador da história é quem a vivencia, o ator social. É ele quem conhece sua realidade e no processo de comunicação alternativa é empoderado a apresentar as informações que lhe interessam, os seus anseios, as suas bandeiras de luta. Sentimentos e interesses que dificilmente serão representados por grandes meios de comunicação voltados à massa, pois estes representam a realidade de acordo com os seus próprios interesses.

Ter o seu próprio veículo de comunicação contribui ainda para o sentimento de pertença à comunidade. Mas ter um veículo de comunicação voltado à comunidade não é precisamente garantia de que ele tenha caráter comunitário ou alternativo. Viver em comunidade pressupõe uma organização social, para além de um simples agrupamento. E para atender a perspectiva democrática, comunitária, o veículo da comunidade deve ser produzido com e pela comunidade. Neumann (1990, p. 40) reflete, neste contexto, que enquanto prática “a comunicação alternativa não se caracteriza como mera oposição à comunicação de massa, mas como um projeto de participação popular, com intenções sócio-políticas de transformar o contexto social”.

Na escola do campo, espaço de construção de conhecimento e de encontro de jovens do meio rural, também pode ser desencadeado um processo de comunicação alternativa. Ela se torna referência para que a iniciativa tenha preceitos éticos e conscientes.

Outras formas de educação, embora consideradas não formais, também estão em um contexto de redesenho de suas metodologias, como é o caso da extensão. Por meio de metodologias participativas busca dar o salto do difusionismo para uma metodologia que contemple os saberes do extensionista e da família do agricultor, investindo, conforme Ruas (2007, p. 21), “no desenvolvimento da consciência crítica e da capacidade dos atores sociais conceberem e articularem um projeto histórico próprio”.

Bordenave, em sua crítica à extensão, apresenta a preocupação com a verticalização do poder no diálogo entre extensionista – que conduz um processo de educação não formal – e o produtor, especialmente no período em que o difusionismo era a principal metodologia de levar a extensão, no caso do Brasil de forma mais intensa entre 1964 e 1979, embora ainda hoje são sentidos seus efeitos. Neste sentido, o autor aponta a organização aliada à conscientização e à politização como caminho para que os interlocutores que antes não tinham poder possam alcançá-lo.

Quando extensão e educação formal agregam-se em uma mesma perspectiva e reconhecem a comunicação alternativa como forma de pulverizar o poder entre todos os envolvidos no processo, um caminho democrático e libertador passa a ser traçado.

Mafessoli (2014) instiga a reflexão de que o indivíduo, enquanto estado físico, é indivisível. A pessoa é plural. Estamos superando o indivíduo fechado nele mesmo. Buscam-se tribos, comunidades, redes sociais, ou seja, espaços de sentimento de pertença, de identidade coletiva. Neste contexto, a verticalização seja da comunicação ou da educação não é mais praticável. A educação precisa ser horizontal. A comunicação também tem a necessidade de horizontalidade. A identidade pode ser própria, mas as identificações são múltiplas. E assim, mais uma vez a importância do saber individual no coletivo e vice-versa - e não do povo como massa de manobra - é evidenciado.

É neste contexto, que se propôs a formação de uma cooperativa de alunos-repórteres, levando em conta que grande parte é formada por filhos agricultores familiares. Busca-se por meio dela traçar uma trajetória de protagonismo de sua realidade, libertando as amarras de processos educativos e comunicativos verticalizados. É no coletivo que são pensadas, organizadas e desenvolvidas

questões essenciais para o desenvolvimento rural que irão refletir também na esfera individual dos sujeitos envolvidos.

No entanto, para contribuir com o coletivo é preciso ser autônomo. Como bem lembra Soares (2006, p. 7) sujeito autônomo “não faz o que o mestre mandou, mas entende que o que precisa ser feito só tem sentido se decorrer de uma ação compartilhada, ou seja, se a ação for apresentada, discutida e, então, decidida coletivamente”.

2.3 Educomunicação: Tecnologias a favor de um processo de comunicação alternativa e de educação libertadora

De modo geral, quando teorizadas, comunicação social e educação escolar, ainda são colocadas em gavetas diferentes. A educomunicação, enquanto prática, reconhece a importância das duas esferas do conhecimento, e sugere aliá-las sob a perspectiva da construção do conhecimento, não exatamente uní-las como se fossem uma coisa só. Soares (2006) ao conceituar a educomunicação apresenta o sentido de transversalidade entre comunicação e educação, para além da simples junção dos termos.

O neologismo Educomunicação, que em princípio parece mera junção de Educação e Comunicação, na realidade, não apenas une as áreas, mas destaca de modo significativo um terceiro termo, a ação. É sobre ele que continua a recair a tônica quando a palavra é pronunciada, dando-lhe assim, ao que parece, um significado particularmente importante. (SOARES, 2006, p. 3).

Além de pesquisa e reflexão, a educomunicação pressupõe também ação, intervenção. Trata-se de uma interlocução de saberes, em que todos contribuem sob uma perspectiva multimidiática, pedagógica e democrática. Neste sentido, merece destaque a citação de Soares (2006, p. 4), que afirma que “uma das tantas singularidades da Educomunicação é que ela constitui-se justamente das relações múltiplas que propicia”. Ou seja, busca-se a horizontalização da comunicação e da educação, assim como a democratização do acesso, da produção e da disseminação da informação.

No entanto, a aproximação conceitual suprime o etimológico¹ e assume caráter epistêmico. Afinal, para educar, é necessário se comunicar. E uma comunicação se

tornará mais bem fundamentada a partir do processo educativo. Abrir as portas da escola para o debate sobre os meios de comunicação qualifica a compreensão do que por eles é transmitido. A mídia muitas vezes fragmenta o saber-informação. A escola, em um processo democrático, tem a possibilidade de reconstituir esses fragmentos e transformá-los em conhecimento. Por outro lado, utilizar destas tecnologias como o rádio, o jornal, o blog e a TV dentro da escola, permite desenvolver um processo de educomunicação, que torna a construção de conhecimento ainda mais atrativa e democrática. A educomunicação, no entanto, vai para além da educação para os meios. Assimila também a integração dos meios nas diferentes práticas pedagógicas.

No contexto atual, a escola assume uma nova postura perante às tecnologias da informação e da comunicação. Antes muitas vezes consideradas inimigas da concentração necessária para o processo de aprendizagem, chegavam a ser afastadas do ambiente escolar. Com a criação de uma nova consciência, consolidação de cursos de especialização e de formação nestas áreas bem como o incentivo de políticas públicas, elas passam a ser reconhecidas como aliadas na construção de saberes e no exercício da cidadania. As tecnologias fazem parte do cotidiano, podem e devem ser aproveitadas a favor do processo de aprendizagem. A preocupação não deve girar em torno da tecnologia e, sim, na forma como a ferramenta é utilizada. Afinal, ela já faz parte da vida de educandos, educadores, enfim, da sociedade.

(...) Enquanto a escola continua com sua retórica pedagógica conservadora, ocupando todo o tempo de sala de aula com esse discurso, o discurso dos meios de comunicação está presente no âmbito da escola, de maneira clandestina. Não adentram as salas de aula, mas estão nos corredores, nos intervalos, nas conversas informais, tanto de professores quanto de alunos. É urgente que esses discursos outros saiam da clandestinidade e passem a constituir parte dos diálogos que deveriam ocorrer em sala de aula. (BACCEGA apud ALMEIDA, 2006, p.59).

A partir do momento que a escola cria espaços de participação e discussão acerca dos meios de comunicação de massa, que também em muito atraem os estudantes e a sociedade, é possível tornar essa exposição aos conteúdos mais consciente e criar perspectivas de desencadear um processo que alie comunicação e educação. Além disso, aproveitar esses meios como ferramentas pedagógicas

amplia a abrangência da construção de conhecimento em um caráter transdisciplinar.

A constituição de um blog e de jornal próprios, em que os estudantes e suas comunidades são protagonistas em todas as etapas de desenvolvimento, produção e disseminação do conteúdo, por exemplo, revela a consolidação de um processo de comunicação alternativa, alicerçado na educomunicação. Guareschi (1988, p.119) apud Neumann (1990, p.44), ao referir-se à comunicação alternativa, destaca que “aprende-se a falar, falando. A escrever, escrevendo. É nesse processo que passamos de objeto a sujeitos da comunicação. E esse processo, por isso mesmo, é profundamente político e educativo”. E é neste contexto que a educomunicação pode ser cerne.

Dar autonomia é dar liberdade à juventude multicultural do século XXI, que dispõe de uma diversidade de saberes que estão à disposição do coletivo, seja por meio de um diálogo ou das redes sociais. E estes saberes, que antes tinham pouca oportunidade de serem revelados, passam a fazer parte do coletivo à medida que são apresentados em espaços alternativos.

Consolidar um espaço de educomunicação torna-se a possibilidade de atuar de forma transversal e multidisciplinar a partir dos desejos e anseios da base, em um contexto de organização social.

A ação que se desenvolve nesse campo de multirrelação é política porque, essencialmente, ela se dá num espaço de realizações. Isto é: de atualização ou concretização de projetos que nascem dos sonhos e/ou necessidades dos grupos sociais em processo de formação e organização. (SOARES, 2006, p. 5)

Nesta perspectiva, os processos de educação e de comunicação passam a ser descentralizados. O indivíduo não detém o poder. Quem detém é o coletivo. E, com isso, os grupos sociais passam a demandar seus espaços e suas conquistas. Este mesmo contexto de conquistas sociais é reconhecido por Soares (2004), que percebe a inserção da comunicação nos processos educativos justamente como uma conquista.

Reconhecer a comunicação como o mais importante dos eixos transversais dos processos educativos foi, sem dúvida, o que garantiu o sucesso dos movimentos sociais em torno dos direitos das minorias, de um manejo sustentável da terra, do bem estar da infância e dos idosos, entre tantos outros temas. (SOARES, 2004, p. 3)

Além de criar seus próprios espaços de educação não formal e comunicação alternativa, influenciam em alguns casos na democratização das grandes mídias que passam a lançar olhar sobre o que antes era pouco visível. A comunicação passa a ser, segundo Soares (2004), um bem social, público.

O fundamento que sustenta a ação destes setores organizados da sociedade está embasado no princípio de que os meios de comunicação são bens públicos, representando uma conquista da humanidade enquanto instrumentos capazes de democratizar, de forma ágil, a informação, a cultura e o conhecimento. (SOARES, 2004 p. 4)

Agregar a educomunicação ao cotidiano da comunidade escolar pressupõe uma rede complexa de construção de conhecimento, que tem a contribuição de ferramentas tecnológicas, mas que recebe significado a partir dos saberes, reflexões e ações do grupo. Trata-se de uma construção que parte de uma evolução histórica e que é intensificada pelo acesso à informação e pela descentralização do processo hierarquizado da comunicação midiática e da educação formal.

Para que essa realidade seja consolidada, Soares (2004) sugere que seja refletida e compreendida a forma que determinados meios de comunicação possam contribuir para a educação, seja ela considerada formal ou não formal.

Frente a este panorama, o convite é para que comunicadores, educadores, engenheiros, gestores de informação pensem, desenhem e avaliem juntos a introdução das novas tecnologias na educação, perguntando-se permanentemente pelo modelo de comunicação que subjaz ao sistema educativo específico. A isso denominamos de gestão da comunicação e da informação em espaços educativos. Tal projeto inclui a educação a distância, a educação para os meios e a própria educação não formal. Em todos estes sistemas ocorre o mesmo: a aprendizagem se dá na medida em que o indivíduo sente-se tocado, envolvido, conectado. (SOARES, 2004, p.8)

A educação escolar, neste sentido, não suprime os meios de comunicação, e os meios de comunicação não substituem a educação escolar. Os dois têm perspectivas diferentes, mas que se complementam na construção de conhecimento e no exercício da cidadania.

3 MÉTODO DE PESQUISA

A realização da pesquisa inspirou-se na proposta de Sociologia Compreensiva de Maffesoli (1988), alternativa libertária que valoriza a subjetividade e a sensibilidade afastando este método de qualquer relação com metodologias

quantitativas. O pensamento libertário de Maffesoli (1988, p.44) enfatiza a racionalidade aberta pós-moderna e reforça que “há sempre uma dose de audácia dedutiva em toda a obra autêntica”. Pela Sociologia Compreensiva, o pesquisador atua como um repórter na investigação do seu objeto, o que lhe dá abertura e liberdade para trabalhar com a pesquisa de caráter social, usando técnicas diversas, de acordo com a realidade observada, que vão desde as entrevistas estruturadas até as abertas, observação in loco, análise de conteúdo, entre outros. A observação in loco e interação com o objeto de estudo ocorreram ao transcorrer de toda a pesquisa.

O método observacional, segundo GIL (1999) corresponde a um dos mais utilizados nas ciências sociais. Para tanto, de maio de 2013 a junho de 2014, ocorreu o acompanhamento das assembleias mensais da Cooperativa Rural de Alunos-Repórteres (CooperInfo Rural) e observados o processo de desenvolvimento do conteúdo do blog e do jornal, produzidos pelos estudantes, sob orientação de professor da área de comunicação. Além disso, observou-se de que forma foram estabelecidos os vínculos cooperativistas e comunitários.

Em entrevista semiestruturada com os alunos-repórteres foram levantados elementos para analisar o grau de autonomia destes estudantes no processo de construção de conhecimento e no estímulo ao exercício da cidadania, por meio das produções para o blog e o jornal, mantidos sob a curadoria da cooperativa estudantil. Também por meio da entrevista, buscou-se avaliar a importância de o jovem assumir um novo papel em sua comunidade, passando de receptor a produtor e difusor de informação.

Para embasar a reflexão de uma forma geral, a pesquisa bibliográfica foi inerente aos diferentes momentos do estudo, com base em autores que abordam processos alternativos de educação e de comunicação, bem como a educomunicação.

4 RESULTADOS

Entender, do grego, remete a estar tenso por dentro. Para internalizar algo que contribua para o repertório de conhecimento do educando, é preciso que haja provocação, uma tensão interna, que motive saber mais. A comunicação alternativa,

que pressupõe autonomia daquele que com ela se envolve, instiga a desafios e até mesmo à necessidade de sair da “zona de conforto”. Como produtor e divulgador da informação é preciso desafiar-se, buscar o novo, ser coerente e ético com o que é produzido, exposto. Ao mesmo tempo, pelo caráter democrático do processo alternativo de comunicação, é preciso estar aberto a receber o feedback e permitir que o processo ocorra da forma mais interativa e democrática possível.

A importância desta tensão, desta provocação para o “buscar e saber mais”, já era revelada na matriz apresentada pela Teoria do Conhecimento de Jean Piaget. Em uma espiral são apresentadas as etapas da produção do conhecimento: o saber prévio, o desequilíbrio, a assimilação, a acomodação e, por fim, o saber reelaborado. Este desequilíbrio, espécie de tensão, é apresentado como ponto crucial que motiva o ser humano a desafiar-se no processo de construção de conhecimento. É a motivação para a aprendizagem. Piaget (2004, p.16) explica que o desequilíbrio “existe quando qualquer coisa, fora de nós ou em nós, se modificou... A cada instante, pode-se dizer, a ação é desequilibrada pelas transformações que aparecem no mundo, exterior ou interior”.

Esta provocação para a construção do conhecimento ocorre por parte dos alunos-repórteres. Em um processo de protagonismo múltiplo estimulam o acesso à informação e a participação na produção, divulgação e avaliação dos conteúdos produzidos, e também da comunidade com os estudantes, ao sugerirem pautas, contribuírem com entrevistas e conteúdos ou debaterem sobre o que foi escrito.

Por outro lado, as famílias dos alunos-repórteres, de modo especial, costumam receber e guardar o material impresso como uma relíquia da informação, em função dos laços familiares e de convivência com aqueles que produziram o conteúdo. É uma forma de permitir que os agricultores familiares e demais trabalhadores e moradores do meio rural tenham acesso à informação e um vínculo com o que lhes foi apresentado, e despertar um interesse maior em construir conhecimento sobre o assunto que foi provocado por alguém que faz parte de sua comunidade, seu grupo social, sua vizinhança ou de sua família. A informação é apresentada por alguém que faz parte de seu contexto e, geralmente, inspira maior curiosidade e confiança. Além disso, em alguns casos, essa relação estimula um diálogo mais qualificado que pode influenciar na decisão sobre a sucessão familiar rural, que tanto preocupa para a continuidade da produção de alimentos com

qualidade e para a sustentabilidade da sociedade. Para permanecer no meio rural, o jovem quer mais que geração de renda. Precisa de conhecimento, acesso a tecnologias, humanização do trabalho e, sobretudo, qualidade de vida. Estas necessidades estão claras nas páginas do jornal e nas postagens do blog. Não apenas em suas palavras, mas nas entrevistas que realizam com outros jovens e adultos do campo. Informações e situações que vem à tona e estabelecem novos canais de diálogo e de debate.

Percebe-se no processo de educação libertadora e alternativa - que permite a consolidação de um novo papel, de estudante para aluno-repórter rural - resultados interessantes também no que se refere à autoestima destes estudantes e em uma nova postura frente ao social. O crachá e a camiseta com a sinalização de que são alunos-repórteres deixam claros o novo papel assumido a partir da Cooperativa e permitem que transitem com maior reconhecimento nas comunidades em que vivem. Agora, por muitos, passam a ser reconhecidos como facilitadores e mediadores do processo de construção de conhecimento e no exercício da cidadania, uma vez que promovem o acesso a informações sobre políticas públicas, preocupações e potencialidades do meio rural, que contribuem nas decisões comunitárias. Entretanto, assumir esse novo papel traz o desafio de lançar um olhar mais crítico e minucioso sobre a realidade, para que ela possa ser revelada e discutida nos meios de comunicação por eles construídos.

Além disso, fica evidente o esforço de romper as amarras com o método tradicional de ensino, voltado ao urbano e que em pouco leva em conta a realidade local da escola-sede da Cooperativa Rural de Alunos-Repórteres, que recebe estudantes de pelo menos 10 comunidades rurais. Inseridos na proposta da educomunicação (SOARES, 2004), o jornal e o blog passam a provocar uma nova postura no ambiente escolar. Estabelece-se um processo de troca. O educando pode ensinar, por exemplo, o educador a manusear certas tecnologias. O educador pode provocar a reflexão ética sobre esse uso. Ainda, o educando pode contribuir para que outro educando construa conhecimento. E, por fim, o educador pode estimular outro educador a transcender as barreiras entre a escola e os meios de comunicação. Neste contexto, o conhecimento construído na escola passa a transbordar seus muros e a surtir efeitos na sociedade, que recebe estes educandos e educadores, e é por eles “provocada”.

Um processo de comunicação alternativa que, como sugere Neumann (1990), liberte os povos da mídia monopolizadora e permita com que as pessoas falem e reflitam sobre sua própria realidade, passa a ser estabelecido com a autoria do conteúdo do blog e do jornal nas mãos de estudantes, que vivem e interagem naquele espaço. Para ser comunidade não basta viver em um grupo que tenha identificações étnicas, culturais e morem em locais próximos. A comunidade pressupõe uma ação organizada dos indivíduos que busquem interesses comuns.

Ter uma forma própria de comunicação segundo Marcondes Filho (1986) apud Neumann (1990) contribui para o sentimento de pertença à comunidade.

(...) um veículo, um tipo de troca de mensagens que mantenham os componentes da comunidade ligados entre si. Neste caso, a figura do jornal, do rádio, da comunicação visual, em geral atuam no sentido de atualizar e organizar a ação de comunidade, que compõem a dinâmica interna, o sentimento da comunidade (1986, p. 158).

O caráter democrático de consolidação de um processo alternativo de comunicação passa a ser mediado pelos alunos-repórteres à medida que estes buscam informações e sugestões de pauta na escola, nas famílias e na comunidade onde vivem. São geralmente leitores, moradores da comunidade, que auxiliam no processo de sugestão e construção de pautas que interessem a suas reivindicações, curiosidades e necessidades. Além disso, o desenvolvimento da reportagem conta com o apoio destes mesmos atores, que auxiliam os jovens alunos-repórteres a refletirem sobre a realidade e colocar suas ideias no papel.

A disseminação das informações, por meio do blog e do jornal, também conta com o auxílio de voluntários da escola e da comunidade, além de extensionistas rurais, que contribuem na distribuição do jornal impresso e na divulgação oral e virtual do que está postado no blog. Essa promoção do acesso à informação com vistas a qualificar as decisões da comunidade e, conseqüentemente, gerar melhores condições de vida está intimamente ligado ao exercício da cidadania.

Sobre os veículos que atendem ao contexto de comunicação alternativa, em um espaço comunitário, Neumann (1990, p. 39) destaca, justamente, que eles “orientam a ação organizada do grupo. E quando esta orientação for fruto de consulta, participação coletiva, diálogo, discussão e decisão também coletiva, o processo será democrático”. A descentralização do poder sobre a comunicação e a busca por um contexto mais democrático também são revelados no fato de os

alunos-repórteres estejam organizados em cooperativa, sem fins lucrativos, e com laços essencialmente solidários.

A dinâmica do blog faz com que a interatividade desencadeie um processo recíproco e interdependente, que permite que os alunos-repórteres provoquem a construção de conhecimento e o exercício da cidadania no coletivo. O conhecimento é construído de forma coletiva à medida que é possível transmitir o feedback, gerar e dar continuidade a debates por meio de diferentes espaços, em especial dos comentários nas postagens do blog.

O blog como ferramenta multimidiática, familiarizada com a tecnologia que tanto atrai em especial àqueles em idade escolar, se torna um aliado no empoderamento dos estudantes quanto ao processo de comunicação alternativa e educação libertadora. Ainda, transcende os muros da escola e insere a comunidade no debate de seus anseios, de seus interesses, de sua visibilidade, de sua vida.

É importante ressaltar, entretanto, que embora o blog abra importantes espaços de comunicação, o material impresso continua sendo uma interessante ferramenta para chegar àqueles que não possuem acesso à internet, o que ocorre em especial nas comunidades rurais mais longínquas. Além disso, em alguns casos, as informações tornam-se mais perenes quando impressas, à medida que podem ser mais facilmente arquivadas para posterior manuseio.

5 CONCLUSÕES

A concepção cooperativa da aprendizagem estabelecida na organização cooperativa dos alunos-repórteres, no envolvimento da comunidade em um processo de comunicação alternativa e no desafio assumido pela escola do campo com a proposta de uma educação libertadora privilegiam a construção do conhecimento e o exercício da cidadania.

Os envolvidos no processo de educomunicação passam a ser capazes de transitar na educação e na comunicação colocando os dois campos a dispor de um processo libertador, que configure autonomia. Esta autonomia reflete na consolidação do direito do sujeito na construção de sua própria história e na contribuição da organização de sua comunidade.

Os conteúdos transmitidos pelos veículos de comunicação passam a fazer parte de nossa bagagem formativa e, por consequência, de nosso conhecimento e de nossas percepções. Por esse motivo, é importante que a comunicação ocorra de forma ética, respeitosa, que atenda aos interesses do indivíduo e da comunidade. Entretanto, é preciso reconhecer que uma informação em nada contribui se não lhe é configurada significado. A ação não está propriamente nos meios de comunicação em si. É desencadeada pelas mãos das pessoas envolvidas no processo, sejam os autores, receptores ou divulgadores da informação. O que se faz da informação é que muda os rumos. Por isso, um compromisso social, político e ético - assumido por veículos inseridos em um contexto de comunicação alternativa – contribui para que as reflexões sejam mais holísticas, as decisões mais qualificadas e a participação mais democrática.

Por outro lado, é preciso reconhecer que nas últimas décadas saltou-se de um contexto de censura e ditadura para possibilidades democráticas, inclusive, nas esferas comunicativa e educativa, o que permitiu que novas alternativas passassem a ser apresentadas e a ser consolidadas. Povos historicamente excluídos da grande mídia, como os agricultores familiares, indígenas, quilombolas e pescadores artesanais, passam a ter voz por meio das mídias alternativas, a exemplo do jornal e do blog produzidos pelos alunos-repórteres do meio rural, que também exercem influência sobre os seus, bem é verdade. A democracia se completa quando a comunidade tem a oportunidade de sugerir, opinar, apresentar propostas. Em alguns casos, também produzir. Essa troca de influências, que pressupõe uma forma construtiva, é medida pelas bagagens de conhecimento, cultura e habilidades do emissor e do receptor da informação, grau de envolvimento da comunidade e interesse do público. O verdadeiro espírito comunitário está expresso no refletir e agir coletivo, qualidades importantes para o exercício da cidadania.

Essa oportunidade de troca também gera outro fenômeno que é o sentimento de pertença à comunidade e a consolidação de uma identidade cultural que reflete e é refletida em seus meios de comunicação e na forma como se dá os seus processos educativos.

A comunicação, estabelecida pelo coletivo, torna-se uma alternativa pedagógica – por estimular a construção do conhecimento – e de organização social – uma vez que permite o exercício da cidadania em busca de interesses comuns.

A partir das informações divulgadas em veículos de comunicação próprios, a exemplo do jornal e do blog produzidos pela Cooperativa Rural de Alunos-Repórteres, é instigada a reflexão sobre rumos e soluções para a melhoria da qualidade de vida local. São semeados debates, e em muitos casos, a motivação para sonhar e buscar as conquistas, estímulos eminentes para a construção de conhecimento e exercício da cidadania.

Nota explicativa

1. A aproximação entre essas duas esferas do conhecimento chama a atenção, até mesmo, na etimologia das palavras. *Educare*, do latim, remete a “transmitir conhecimento a; instruir”. Já *comunicare*, também de origem latina, denota “saber fazer; tornar comum; participar: pôr em contato ou relação; estabelecer comunicação entre; ligar, unir”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Airton Lorenzoni. *Da escola claustro à escola planeta: McLuhan e a educomunicação na aldeia global*. Dissertação de Mestrado em Educação nas Ciências. Orientação Cláudio Boeira Garcia. Ijuí: Unijuí, 2006.

BORDENAVE, J. D. *Comunicação rural: da extensão à participação*. Projeto Tecnologias Alternativas – FASE, I Simpósio sobre Comunicação, Ciência e Cultura, 26-27 de setembro de 1983, 1983.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 7ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 29ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo Demográfico 2010. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=rs>. Acesso em março de 2014.

MAFFESOLI, Michel. *Educação e Juventudes no Século XXI*. In: Videoconferência do Seminário Internacional de Educação. Porto Alegre: 02 de junho de 2014.

MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento comum*. Compêndio de Sociologia Compreensiva. São Paulo: Brasiliense; 1988.

NEUMANN, Laurício. *Educação e comunicação alternativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

PIAGET, Jean. *Seis estudos de psicologia*. 24ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

RUAS, Elma Dias et al. *Metodologia participativa de extensão rural para o desenvolvimento sustentável – MEXPAR*. Belo Horizonte, março 2006. 134p.

SILVA, Hur Bem Correa da Silva. *Comunicação rural: os meios, a persuasão e a educação*. In: Vídeo Educativo Rural. ACARPA, Novembro de 1996.

SOARES, Donizete. *Educomunicação: o que é isto*. Gens, Instituto de Educação e Cultura, 2006. Disponível em http://www.portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educomunicacao_o_que_e_isto.pdf. Acesso em 31 de maio de 2014.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Alfabetização e Educomunicação: o papel dos meios de comunicação e informação na educação de jovens e adultos ao longo da vida*. 2004. Disponível em <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/89.pdf>. Acesso em 31 de maio de 2014.

Nome do autor: Deise A. Froelich, deisefroelich@yahoo.com.br

Nome do orientador: Professora Dra Liziany Müller, lizianym@hotmail.com

ANEXOS

1. Capa da Primeira edição do Jornal J. I Rural, produzido por alunos-repórter da CooperInfo Rural , Setembro de 2013



2. Páginas da Terceira Edição do J. I Rural, Abril de 2014



Jornal Informativo produzido por cooperativa de alunos-reportéres
BRUCELOSE

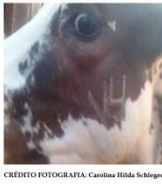
Como prevenir a doença que traz prejuízos à atividade leiteira

Entre as tantas doenças que podem afetar o rebanho leiteiro, a brucelose merece atenção especial. Trata-se de uma doença contagiosa (zoonose), que traz grandes prejuízos à atividade leiteira e pode causar problemas na reprodução.

No entanto, ela pode ser prevenida com a vacina, a qual é obrigatória. A vacina é feita em bezerros, de três a oito meses, e deve ser feita por um médico veterinário. Logo após feita a vacina e a marcação na face esquerda do animal com a letra V e o ano no qual está sendo efetuado, o médico veterinário deve emitir um atestado de vacinação. Este atestado deve ser levado à Inspeção Veterinária do município. Contudo, muitos se perguntam o motivo de não poder ser realizada a vacina antes ou depois do período dos três a oito meses de vida da bezerro. A explicação consiste em que antes dos três meses, a bezerro tem a imunidade da mãe adquirida pela ingestão do colostro. Após os oito meses não é feita, pois ela começa o ciclo reprodutivo e quando for realizado um teste de brucelose, esse marcará um falso-positivo. De acordo com a veterinária Daniele Maria Hartmann, a vacinação feita fora de época pode interferir na reprodução, tornando a fêmea estéril. Entretanto, às vezes encontramos novilhas ou vacas sem vacinação contra a brucelose. E assim temos dúvidas se ela pode ter ou não a doença.

Para retirar esta dúvida, é preciso fazer o teste - que consiste em um exame de sangue - e caso for detectado a doença deve-se avisar a Inspeção Veterinária e o animal deve ser sacrificado. Os sintomas da brucelose geralmente não são apresentados no animal, apenas o aborto no terzo final da gestação, mas mesmo assim é recomendável fazer-se o teste para a confirmação. A importância da vacinação contra a brucelose se evidencia também quando levado em conta que a doença pode ser transmitida de um animal para outro, podendo contaminar todo o rebanho e também ao ser humano através do contato com a placenta; a partir do parto; e pelo sangue do animal.

Por aluna-reportéres Carolina Hilda Schlegel



CRÉDITO FOTOGRAFIA: Carolina Hilda Schlegel



RAÇÕES, SAIS MINERAIS, NÚCLEOS E MEDICAMENTOS PARA TODAS AS ESPÉCIES ANIMAIS.

LINHA CASCATA - SANTA ROSA - RS

FONES: 09912138 - 02147977 - 02471220 - 02476704 - 09912457 - 09912457

Confira Também:

Helicoverpa: O Controle Biológico da lagarta que preocupou a produtores de soja.

Biológico da lagarta que preocupou a produtores de soja. Pág. 3

Moinho da Linha 15: Memória e significado.

Enquete: Saiba o que os moradores esperam para a Vila Sete de Setembro



Helicoverpa

O controle biológico da lagarta que preocupou a produtores de soja

Uma nova praga preocupou a produtores gaúchos na última safra de soja: a *Helicoverpa armigera*. No entanto, diante de alternativas de prevenção e controle adotadas, não houve registros de prejuízos significativos em função desta lagarta no Estado.

O controle da *Helicoverpa armigera* por meio de inseticidas acontece quando elas ainda estão em tamanhos menores, pois são mais sensíveis a inseticidas como *Bacillus thuringiensis* e *Baculovirus* específicos para esta espécie. Mas ainda quando ovos e possivelmente controladas por meio das vespinhas *Tricogramma*, que são desenvolvidas em biofábricas. "Essas vespas parasitam ovos de hospedeiros alternativos, como *Citotroga cerealella*, uma mariposa que é conhecida como traça cereal", explica o engenheiro agrônomo da Emater/RS-Ascar, Ezequiel Pavetki.

Os ovos das vespinhas são colocados em cartelas e distribuídos aos interessados. São sugeridas uma cartela com 40 subcartelas por hectare para as culturas de soja e milho. É necessário observar o tempo de colheita das mechas para distribuir a cartela, este tempo pode variar conforme a temperatura e umidade ambiente. O controle por meio da vespinha acontece pelo ataque aos ovos da *Helicoverpa*.

O agrônomo Ezequiel explica que a vespa oviposita no ovo da lagarta iniciando o desenvolvimento das larvas da vespa dentro do ovo da *Helicoverpa*. Assim, a larva da vespa se alimenta do conteúdo do ovo, sendo que ao final do ciclo eclode do ovo da *Helicoverpa* uma vespa adulta, já com capacidade de atacar outros ovos da *Helicoverpa*.



Lagarta foto: Armadilhas implantadas em Caxupava, na fase de desbrochamento vegetativo da lavoura. Crédito: Divulgação, Emater/RS-Ascar

A vespinha pode ser adquirida em empresas de controle biológico como Bug Agentes Biológicos, sendo que a encomenda é feita pelo e-mail bugagentesbiologicos.com.br. O preço da cartela está em torno de R\$ 25,00. Mais informações sobre a empresa podem ser acessadas no site <http://www.bugbrasil.com.br>



MATRIX
Prestadora de serviços
Jefferson Valdeir Damitz (55)9974-7678

- Colocação de pisos laminados, gesso acartonado, divisória divisiva, molduras e semelhas



Alunos de pilotagem de Santo Ângelo aproveitam estrutura do aeroporto de Santa Rosa

Atualmente o aeroporto de Santa Rosa, localizado no Campo da Aviação, está sendo utilizado pelo grupo de aviação de Santo Ângelo para aulas de pilotagem. Segundo os alunos do curso de pilotagem Lucas Filiz e Rodrigo Azambuja o aeroporto de Santo Ângelo aguarda recursos para a realização das reformas necessárias e, por este motivo, está sendo aproveitada a estrutura em Santa Rosa.

Os pilotos no momento estão alojados na Escola Domínical do Campo da Aviação. Por falta de uma boa instalação elétrica, os pilotos que estavam ocupando o local, tiveram que realizar uma pequena reforma. Entretanto, de forma geral, o local está em bom estado.

Está sendo estudada a possibilidade de mudança de alojamento da Escola Domínical para o Friso Petre, localizado ao lado da Fazenda Papalia Bhamram.

Por alunas-reportéres Jessica Natili Garcia e Ana Flávia Kraimer

Cooper Agenda

CERÂMICA FRISKE
Tijolos Maciços
Linha Federação - Santa Rosa/RS
9623-7008
3505-8408

www.cooperinforural.blogspot.com



Moinho da Linha 15, memória e significado

O moinho e a história de interior de Santa Rosa Um moinho construído em 1924, na Linha 15 de Novembro, por uma família imigrante de alemães, servia para produção de farinha a partir de grãos e cereais. O moinho ainda funciona, mas o trabalho e a produção de farinha está desativados há 14 anos.

Para que o moinho funcionasse, a água de um riacho próximo passava por uma roda d'água e assim gerava energia para movê-lo. No local haveria outras formas de turismo, como a criação de uma trilha ecológica, que assim desenvolveria novas paisagens bonitas no local.

Na propriedade também há uma casa colonial que foi ocupada por imigrantes, que deveria ser transformada em museu, para preservar os costumes, o modo de se vestir e os móveis dos próprios.

O pedido de tombamento do local foi encaminhado pela EUCIP (Defesa/Defesa Civil do Patrimônio Histórico) da Prefeitura de Santa Rosa. Se o projeto for aceito será feita uma reforma nas instalações da propriedade.

Enquete

O que você espera para a Vila Sete de Setembro para daqui a 10 anos?

"Espero melhorias na saúde, na educação e nas estradas da vila".
Valmery Lima, 42 anos, moradora há mais de 35 anos.

"Espero que em 10 anos o interior e a sua educação sejam mais valorizados".
Cristina Gouveia e marlene, Ricardo Pedro Elias propriedade.

"Eu espero que a vila melhore e que se torne uma cidade".
Eda Helene Lopes, 62 anos, aposentada, moradora da Vila desde 1982.

"Espero que em 10 anos, a vila tenha um banco, uma farmácia, mais passeios nas ruas".
Tomaz de Barros, 55 anos, professor em escola rural, morador desde 1977.

VERA CAPELETTI
espaço de beleza
Fones: 95 3312 4006 | 95 9731 9092 | 95 9795 1420 | 95 9620 8840
Rua do Café, 481 | Santa Rosa | informacoes@veracapeletti.com.br

3. Layout do Blog da CooperInfo Rural,
www.cooperinforural.blogspot.com. Acesso em 10 de junho de 2014.

The screenshot shows a web browser window with the address bar displaying "cooperinforural.blogspot.com.br". The page title is "Cooperativa Rural de Alunos Repórteres". Below the title is a mission statement: "Cooperinforural, uma cooperativa formada por estudantes da Escola José Alfredo Nedel de Santa Rosa, com a missão de divulgar as potencialidades e políticas públicas para o meio rural." The main content area is dated "SEXTA-FEIRA, 6 DE JUNHO DE 2014" and features a post titled "As flores" with a sub-heading "Cor, beleza e aroma". The text of the post describes a visit to a flower nursery and mentions "1. Roseiras: Existem variações de rosas incluindo:". A photograph of a yellow and red rose is shown below the text. On the right side, there is a sidebar with an "ARQUIVO DO BLOG" section listing posts by month (2014, 2013) and a "PÁGINAS" section with links for "Home" and "Saiba Mais". At the bottom of the sidebar, it says "JOVENS DO MEIO".

← → × cooperinforural.blogspot.com.br

Cooperativa Rural de Alunos Repórteres

Cooperinforural, uma cooperativa formada por estudantes da Escola José Alfredo Nedel de Santa Rosa, com a missão de divulgar as potencialidades e políticas públicas para o meio rural.

SEXTA-FEIRA, 6 DE JUNHO DE 2014

As flores

Cor, beleza e aroma

Com o apoio de Seu Darci Fernandes da Silva, que tem viveiros de flores em Linha Cascata e Guia Lopes, conhecemos mais um pouco sobre aquelas que nos oferecem sua cor, beleza e aroma: as flores.

1. Roseiras:
Existem variações de rosas incluindo:



ARQUIVO DO BLOG

- ▼ 2014 (21)
- ▼ Junho (2)
- As flores
- APS Sete de Setembro recebe novos equipamentos agr...
- ▶ Maio (4)
- ▶ Abril (5)
- ▶ Março (9)
- ▶ Janeiro (1)
- ▶ 2013 (13)

PÁGINAS


- [Home](#)
- [Saiba Mais](#)

JOVENS DO MEIO

← → ↻ cooperinforural.blogspot.com.br ☆

TERÇA-FEIRA, 3 DE JUNHO DE 2014

APS Sete de Setembro recebe novos equipamentos agrícolas



Por aluna-repórter Bruna Gunther

A Associação Prestadora de Serviços Sete de Setembro novos maquinários para qualificar o trabalho prestado a moradores do interior do município. A entrega ocorreu no último dia 24/05, na Linha Cascata Norte.

Na oportunidade, a APS Sete de Setembro recebeu um trator Massey Ferguson 4275, uma grade arrador 14 discos (globo), um pulverizador com comando e um escarificador, referentes ao Orçamento Participativo 2011.

Entre as autoridades presentes estiveram o Prefeito de Santa Rosa Alcides Vicini, o deputado federal Elvino Bohn Gass, o secretário de Obras e de Agropecuária Elmar da Rosa e o vereador Miro Jesse, os quais fizeram a entrega dos implementos agrícolas.

"Para nós pequenos agricultores familiares que não temos condições de comprar equipamentos agrícolas nos favoreceu e facilitou muito nosso trabalho", afirmou o vice-presidente da APS e também agricultor, João dos Santos. Ele ainda ressalta que serve de incentivo para a permanência no meio rural.

Hoje a Associação abrange as localidades Linha Cascata Norte, Linha Sete Norte, Vila Sete de Setembro e Linha Sete Sul. Além dos equipamentos entregues conta ainda com mais uma semeadeira de milho (Fittareli), uma semeadora de pasto (Eikoff), um espalhador de ureia, um triturador de milho, uma roçadeira, um misturador de sementes, uma ensiladeira (Cremasco) e um carretão.

Só assim através da união de todos os agricultores é que se consegue meios de reduzir os custos de produção, melhores preços e incentivo para a permanência no campo.